

ÍRIS FILOMENA DOS SANTOS ANTUNES PINTO

**Vinculação, Narcisismo e Componentes Relacionais
Adultas**

Orientador: Miguel Nuno Pereira Silva Faria

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2016

ÍRIS FILOMENA DOS SANTOS ANTUNES PINTO

**Vinculação, Narcisismo e Componentes Relacionais
Adultas**

Dissertação defendida em provas públicas no dia 2 de Março para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia no Curso de Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias com o Despacho Reitoral nº 398/2015 com a seguinte composição de Júri:

Presidente: Professor Doutor Américo Batista

Arguente: Professora Doutora Bárbara Nazaré

Orientador: Professor Doutor Miguel Nuno Pereira Silva

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2016

Epígrafe

Princípio e fim

Num tempo de partida
Possa levar missões
Cumpridas,
Caminhos percorridos,
Pesares e penas esquecidos...

E a minha bagagem
Os meus sacos de viagem,
Sejam os que me propus levar...

Nem mais isto ou aquilo
Apenas esses...

Será o que aprendi a ser
E nada mais.

Maria Luísa Adães

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador, Professor Miguel Faria, pela disponibilidade, apoio e orientação no decorrer da elaboração desta dissertação.

Aos Professores que, no decorrer do curso de psicologia, me inspiraram e me ajudaram a desenvolver não só as competências intelectuais e científicas, mas também competências humanas, que me fizeram e fazem continuar a desenvolver a paixão pela área.

À minha família, pela tolerância e cujos alicerces me suportaram durante este e os demais eventos importantes da vida. Em especial à minha avó cujo “colinho” foi demasiado importante para não a referir, e pela influência que deteve em mim. O muito que sou devo-to a ti. Obrigada!

Às minhas colegas e amigas, Joana Ferreira e Mariana Rodrigues, cuja amizade e companheirismo significam muito para mim. E também à Fátima, cuja camaradagem e amizade no decorrer do mestrado foi muito importante.

Às minhas amigas, Mónica, Rita, Sara e Tânia, pela paciência, pelo imenso apoio, motivação e pelas horas muito bem gastas. Sem o vosso apoio nada teria sido possível.

Um obrigado à minha grande amiga, Inês, cujo apoio, colaboração e carinho ao longo destes anos se demonstrou imprescindível.

E, por fim, aos participantes, cuja função foi valiosa e sem os quais não teria sido possível a elaboração deste estudo. Um muito Obrigado!

De uma forma geral, um obrigado a todas as pessoas que passaram pela minha vida, que de alguma forma me enriqueceram com as suas experiências e me deixaram um pouco de si!

Resumo

Na presente investigação, o principal objectivo foi perceber em que medida o estilo de vinculação adulta e o narcisismo podem influenciar o compromisso e a satisfação no relacionamento adulto. A amostra foi constituída por 136 indivíduos (30 do género masculino e 106 do feminino), aos quais foram aplicados um Questionário de dados Sociodemográficos, Relationship Questionnaire, Narcissistic Personality Inventory, Commitment Scale e Relationship Assessment Scale. Os principais resultados indicaram que os estilos de vinculação, mais especificamente relacionados com o modelo de si e do outro, têm influência determinante na forma como é experienciado o relacionamento, nomeadamente ao nível da longevidade e da satisfação relacional.

Palavras-chave: vinculação, narcisismo, compromisso, satisfação relacional, modelo de si e do outro.

Abstract

The purpose of this investigation was to understand in which measure the type of adult attachment and narcissism can influence the commitment and satisfaction in adult love relationships. The sample was made up of 136 individuals of both genders (30 males and 106 females), in which the following questionnaires were applied: Sociodemographic Questionnaire; Relationship Questionnaire; Narcissistic Personality Inventory; Commitment Scale and Relationship Assessment Scale. The main results indicate that certain types of attachment (mostly related to the model of itself and the other) are connected with the way in how the relationship are experienced, mainly at the level of the overall satisfaction and lastingness of the relationship.

Keywords: attachment, narcissism, commitment, relationship satisfaction, model of the self and the other.

Índice de Abreviaturas

RQ - Relationship Questionnaire - Questionário de Vinculação adulta

NPI - Narcissistic Personality Inventory - Inventário Narcísico da Personalidade

CS - Commitment Scale - Escala de compromisso

RAS - Relationship Assessment Scale - Escala de satisfação relacional

Índice Geral

Introdução.....	11
Capítulo 1 – Vinculação.....	14
1.1 Breve contextualização.....	15
1.2 Principais contribuições.....	16
1.3 Vinculação adulta.....	18
1.4 Modelo de vinculação adulta de Bartoloweu e Horowitz	21
Capítulo 2 – Narcisismo	24
2.1 Perspectiva histórica.....	25
2.2 Dois tipos de narcisismo: Manifesto e latente.....	28
2.3 Narcisismo e relações amorosas.....	29
Capítulo 3 – Compromisso e Satisfação relacional.....	32
3.1 Compromisso na relação amorosa.....	33
3.1.1 Modelo de Investimento de Rusbult.....	34
3.2 Satisfação relacional.....	36
Capítulo 4 – Objectivos e método.....	37
4.1 Objectivos e hipóteses.....	38
4.2 Amostra.....	38
4.3 Medidas.....	39
4.3.1 Questionário sociodemográfico.....	39
4.3.2 Questionário de Vinculação adulta - Relationship Questionnaire.....	39
4.3.3 Inventário Narcísico da Personalidade - Narcissistic Personality Inventory.....	40
4.3.4 Escala de compromisso - Commitment Scale	40
4.3.5 Escala de satisfação relacional - Relationship Assessment Scale	40
4.4 Procedimento.....	41
Capítulo 5 – Resultados.....	42
Capítulo 6 – Discussão dos Resultados	49
Conclusão.....	53
Bibliografia	56
Apêndice I – Protocolo de Investigação.....	I

Índice de tabelas

Tabela 1 – Características demográficas da amostra.....	39
Tabela 2 – Distribuição dos participantes por sexo e estilo de vinculação.....	43
Tabela 3 – Diferença de médias por sexo nas variáveis estudadas.....	44
Tabela 4 – Resultados da ANOVA das variáveis utilizadas e do tempo de relação tomando como factor o estilo de vinculação.....	45
Tabela 5 – Intercorrelações entre os estilos de vinculação e tempo de relação.....	46
Tabela 6 – Intercorrelações entre as variáveis estudadas.....	47
Tabela 7 – Resultados da análise de regressão.....	48

Índice de Figuras

Figura 1 - Modelo de Vinculação adulta de Bartholomew e Horowitz.....	21
Figura 2 - Conclusão dos estudos acerca dos níveis de compromisso e narcisismo.....	30
Figura 3 - Modelo do Investimento.....	35

Introdução

O ser humano, em semelhança aos outros animais, tem como objectivo a procura de um parceiro. Esta procura parte de um princípio evolutivo de que todos os seres humanos sentem a necessidade de dar continuidade aos seus genes e, desse modo, dar continuidade à espécie (Mikulincer & Goodman, 2006).

A aproximação feita pelos indivíduos, de maneira a criar uma relação amorosa, assume formas distintas, sendo acompanhada por um variado leque de comportamentos para a manutenção da mesma (Campbell & Foster, 2002).

A ligação amorosa pode ter por base a relação estabelecida no início da vida de cada sujeito com a sua figura primária de cuidados, tendo como objectivo inicial a sobrevivência e a promoção da mesma (Soares, 2007). No entanto, a forma como esta relação é estabelecida pode formar padrões relativamente estáveis e prolongar-se ao longo do tempo (Hazan, & Shaver, 1994).

Existem algumas características a partir das quais os indivíduos percebem um parceiro como o parceiro ideal. Gangestad e Simpson (1996), identificaram três factores: o primeiro relaciona-se com as suas características pessoais (personalidade) que podem promover a intimidade e o compromisso (ser bom pai, carinhoso, responsável, leal); outro, relacionado com atributos de estatuto social e recursos; e, por último, o factor associado à atractividade e estado de saúde do possível parceiro (Fletcher, Simpson, Thomas & Giles, 1999).

Desta forma, podemos afirmar que as características pessoais influenciam muito o funcionamento da relação com o outro. Por exemplo, indivíduos com características narcísicas são vistos como tendo dificuldades ao nível do estabelecimento de uma relação íntima e duradoura (Kernberg, 1995). Nesse sentido, esta patologia não afecta apenas o sujeito, mas influencia toda uma dinâmica relacional e familiar (Kealy & Ogrodniczuk, 2014). Aspectos como o compromisso, ou seja, a intenção de se manter num relacionamento a longo prazo, e a satisfação relacional, a forma como a relação é vivenciada, influenciam de igual modo o bem-estar psicológico do indivíduo (Andrade et al., 2005 cit in. Andrade, Garcia, Cano, 2009).

Neste contexto, parece ser bastante relevante clarificar de que forma os padrões de vinculação adulta podem influenciar alguns aspectos da relação, tais como o compromisso ou a satisfação relacional, bem como relacioná-los com os níveis de narcisismo que os indivíduos exibem.

A presente dissertação insere-se no âmbito da conclusão do Mestrado de Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

A revisão da literatura inicia-se com o capítulo 1 que se refere à vinculação e ao modelo de vinculação adulta, antecedendo o capítulo 2 que se refere ao desenvolvimento do conceito do narcisismo, o capítulo 3 descreve o compromisso e o respectivo modelo, bem como uma breve explicação acerca da satisfação relacional. Os objectivos, hipóteses, medidas e procedimento utilizados serão expostos no capítulo 4. No capítulo 5 encontram-se explanados os métodos estatísticos, tabelas e descrição dos resultados. No capítulo 6 são discutidos os resultados, de acordo com estudos anteriores. Por fim, na Conclusão, revêem-se os objectivos e hipóteses, são discutidas as limitações do estudo e expostas sugestões para estudos futuros.

Na elaboração da presente dissertação serão utilizadas as “Normas para apresentação de teses e dissertações na ULHT”, tendo por base as normas da APA. Para a redacção será empregue o acordo ortográfico de 1990.

Capítulo 1 – Vinculação

1.1 Breve contextualização

Após a segunda grande guerra mundial, dadas as circunstâncias exibidas na época, evidenciou-se um elevado interesse acerca do impacto que os cuidados maternos e a perda parental detêm no subsequente impacto no desenvolvimento da criança (Bowlby, 1990; Guedeney, & Guedeney, 2004).

Antes de partirmos para a explicação mais detalhada de todos os conceitos associados à vinculação, parece importante referir, que na época, existiam duas abordagens opostas. Uma corresponde a uma perspectiva psicanalítica, na qual partimos do que nos é apresentado por um indivíduo adulto, elaborando a posteriori uma hipótese explicativa do que poderá ter ocorrido na infância, isto é, uma exposição retrospectiva. Assim, é feita uma reconstituição das diferentes fases do desenvolvimento da personalidade que precedem ao que é observável no adulto (Bowlby, 1990). Contrariamente, temos a base conceptual de Bowlby (1990), cuja perspectiva orientada pelas observações de crianças em tenra idade tenta, a partir das mesmas, descrever as fases primárias do funcionamento da personalidade e realizar hipóteses acerca das fases subsequentes.

A base conceptual de Bowlby obteve uma grande notoriedade no que concerne à temática dos cuidados maternos no desenvolvimento infantil. Os seus estudos debruçaram-se sobre os efeitos da ausência de prestação de cuidados maternos na disrupção da vinculação, contribuindo para uma melhor compreensão do desenvolvimento da psicopatologia, e evidenciaram a necessidade de um novo enquadramento conceptual para a clarificação de algumas questões, uma vez que outras vertentes teóricas se demonstrava insuficientes (Soares, 2007).

No decorrer do primeiro ano, após o nascimento, a criança estabelece uma relação privilegiada com uma figura específica que providencia os cuidados básicos necessários para a sua sobrevivência. O estabelecimento desta relação não garante apenas a sobrevivência do bebé, mas também fará com que exista uma ligação de suporte, na qual essa figura passa a ser considerada como a sua principal figura de vinculação. Esta relação será mediada através da regulação da segurança, isto é, existe uma figura vinculada que requer total protecção, e uma figura de vinculação caracterizada como capaz de proteger a primeira das adversidades do ambiente (Bowlby, 1969 cit in. Soares, 2007). Ainsworth (1985) define este tipo de relação como assimétrica e complementar (Soares, 2007).

A relação de vinculação é traduzida como um intenso vínculo afectivo que se estabelece numa idade muito precoce entre a criança e uma ou mais figuras de vinculação

(Bowlby, 1990). Esse vínculo é construído através de interações, aparentemente de natureza inata, cuja função é ligar a criança à mãe (ou principal figura prestadora de cuidados), bem como favorecer a vinculação recíproca da mãe à criança (Guedeney e Guedeney, 2004). Este género de relação, desenvolvida no contexto das interações, funciona como um sistema de controlo comportamental (ou sistema de vinculação) que regula os movimentos de proximidade e de exploração do meio (Bowlby, 1990). Desta forma, comportamentos como chorar, sorrir ou gatinhar podem ser considerados como comportamentos de vinculação, uma vez que são qualificados como facilitadores da proximidade da díade mãe-bebé (Guedeney e Guedeney, 2004; Soares, 2007).

O sistema de vinculação pode, de certo modo, ser comparado a um sistema de vigilância que se encontra sempre activo. Uma vez atingidas certas circunstâncias, aquele é activado intensamente, fazendo com que a criança procure aproximar-se da figura de vinculação e não fique satisfeita enquanto não o conseguir. Deste modo, a criança tem como objectivo a manutenção da distância ideal em relação ao progenitor, a qual depende dos elementos activadores que façam com que haja a necessidade do sistema ser accionado. Estes podem ser de origem interna, como o desconforto ou a fadiga, ou de origem externa, ligados ao meio ambiente (Guedeney, & Guedeney, 2004). Na sua hipótese explicativa, Bowlby (1990) refere a existência de padrões comportamentais (como sorrir ou gatinhar), exibidos em diferentes fases do desenvolvimento infantil, que vão sendo incorporados em sistemas cada vez mais complexos, que visam a aproximação do bebé à figura materna (Soares, 2007).

O papel de figura de vinculação não é atribuído exclusivamente à figura materna e pode estender-se a qualquer sujeito que desenvolva com a criança qualquer interacção social durável, e se demonstre disponível aos seus sinais e às suas aproximações (Guedeney, & Guedeney, 2004).

Podemos afirmar que o sistema comportamental de vinculação detém uma função biológica de protecção nas espécies, cuja maturidade reprodutiva é alcançada numa fase mais tardia do desenvolvimento (Soares, 2007).

1.2 Principais Contribuições

Nos anos 40, Bowlby fala-nos da ligação entre a ausência de cuidados maternos e o desenvolvimento de possíveis perturbações psicológicas. Estas situações menos desejáveis provocam na criança experiências recorrentes de perda, geradoras de um profundo mal-estar

psíquico, que culminam numa dificuldade futura de estabelecer relacionamentos e em estabelecer um padrão de vinculação seguro (Soares, 2007).

Vários foram os autores que se sucederam a Bowlby nos estudos relacionados ao vínculo materno, nomeadamente Harlow, que compara as necessidades de cuidado materno e a necessidade de alimento, concluindo que a ligação precoce não se baseia exclusivamente na necessidade de alimento, e que a continuidade dos cuidados prestados pelas figuras parentais parece desempenhar um papel fundamental no bem-estar psicológico da criança. Podemos ainda ressaltar que este mesmo conforto através do contacto evidencia uma grande importância no desenvolvimento das relações sociais precoces (Soares, 2007).

Outras experiências foram elaboradas com o intuito de fundamentar estas explicações. Através das suas investigações com crianças de uma tribo Africana, Ainsworth afirma que, a partir dos 3 meses de idade, os bebés já são capazes de distinguir perceptivamente a figura de vinculação de entre vários indivíduos. Contudo, a existência de comportamentos de apego só pode ser confirmada pela demonstração efectiva de movimentos de aproximação por parte da criança (Bowlby, 1990).

De certa forma, poderá dizer-se que a relação de vinculação é distinta de outras relações sociais, pois existe por parte da criança uma procura de proximidade. A criança evidencia um comportamento de retorno em direcção à figura de vinculação quando é sentida uma situação particularmente ameaçadora, e é demonstrada uma exploração mais destemida na presença da figura de vinculação (base segura) (Ainsworth, 1989 cit in. Guedeney, & Guedeney, 2004).

No seguimento dos seus estudos, ficou conhecida pela implementação da avaliação da qualidade de vinculação através de uma situação criada laboratorialmente denominada como “Situação estranha”. A situação estranha tem como objectivo a obtenção de informação acerca do comportamento da criança quando separada da progenitora, permitindo retirar três aspectos relevantes no que diz respeito ao comportamento de vinculação. Em primeiro lugar, perceber se o bebé encara a mãe como uma base segura, de modo a que se sinta protegido para explorar o ambiente que o rodeia. Em segundo, se exhibe uma intensa perturbação quando é separado da mesma, e por fim, se teme qualquer encontro com figuras que lhe sejam desconhecidas (Soares, 2007).

Neste sentido, através das observações da reacção da criança quando a mãe regressa, Ainsworth (1978) pôde perceber a dinâmica de vinculação e caracterizá-la em categorias distintas. Alguns dos bebés evidenciavam comportamentos de evitamento face à mãe,

ignorando-a ou afastando-a quando a mesma regressa. Estes tratam a figura estranha e a figura de vinculação de igual modo, pertencendo à categoria inseguro-evitante. Na segunda categoria, denominada como estilo seguro, a criança exibe um claro comportamento de procura activa e interacção com a mãe, especialmente quando a mesma volta. A criança não demonstra evitamento face à figura materna, pode ou não protestar quando a mesma se ausenta, e revela-se ligeiramente à vontade com o estranho. Por fim, a categoria inseguro-ambivalente/resistente, refere-se às crianças cujo comportamento com a figura de vinculação se demonstra um pouco ambivalente, dividindo-se pela procura de contacto e resistência ao mesmo. A procura intensa pela mãe poderá dificultar a exploração do meio, contudo, a criança não revela um evitamento significativo em relação à figura materna, sendo apenas visível uma certa irritação na situação (Soares, 2007).

A situação estranha constituiu, desta forma, um marcador histórico uma vez que vem possibilitar o estudo das diferenças individuais na organização comportamental da vinculação (Soares, 2007).

1.3 Vinculação adulta

Nas primeiras interacções estabelecidas entre a criança e a figura de vinculação, são originados, pela primeira, um conjunto de conhecimentos e expectativas: a respeito da responsividade da figura, da sua própria capacidade de influenciar o mundo e acerca do self¹ (se este se vê como merecedor). Aos conhecimentos e expectativas desenvolvidos a partir das interacções da díade, Bowlby (1969, 1982), denomina como modelos internos dinâmicos de vinculação. Estes são considerados guias de interpretação para as diferentes situações, o que irá influenciar as interacções com a figura prestadora de cuidados. Poderá dizer-se que os comportamentos de vinculação não detêm apenas uma componente comportamental, existindo também uma componente cognitiva e emocional adjacente a este processo (Soares, 2007).

No seguimento dos estudos centrados na vinculação infantil, é nos anos 80 que se começa a evidenciar um elevado interesse no estudo da vinculação em outras etapas da vida, nomeadamente na idade adulta. Este interesse na vinculação amorosa irá focar-se na componente comportamental e representacional, a partir de uma reconceptualização da

¹ Este conceito pressupõe uma imagem de si global, e é visto como uma construção pessoal ou uma representação de si. Referido, também, como auto-conceito, é razoavelmente estável em diferentes situações e ao longo do tempo (Pervin & John, 2004).

vinculação em termos de modelos internos dinâmicos (Main, Kaplan & Cassidy, 1985 cit in. Soares, 2007).

Algumas das tarefas primárias do desenvolvimento do jovem adulto são a construção de autonomia e de intimidade. Para que esta etapa possa ser adquirida com qualidade, é necessária a existência de uma identidade coesa e íntegra para que possa haver uma diferenciação face aos pais e aos outros. No momento em que o indivíduo se torna adulto, no sentido em que é autónomo e capaz de se integrar e gerir as suas relações de intimidade, encontra-se então pronto para assumir novas tarefas desenvolvimentais (como o compromisso relacional, profissional e a parentalidade) (Soares, 2007).

Para Hazan e Shaver (1987) o vínculo romântico demonstra ter um potencial biológico. Trata-se de um processo biológico evolutivo com o propósito regulador do estabelecimento de relacionamentos de longa duração que, conseqüentemente, permite uma evolução da espécie. Draper e Hapending (1982) e Surbey (1990), referem que a necessidade de laços vinculativos saudáveis não detém um papel fundamental apenas no início do desenvolvimento infantil, mas também na adolescência. No caso de adolescentes, cujos pais se encontram divorciados, e nos quais a relação com um dos progenitores seja inexistente, verifica-se uma maior probabilidade de desenvolvimento de patologias psicológicas. Com o avançar para a vida adulta, estes jovens podem revelar uma maior dificuldade na construção de relações estáveis. Desta forma, quanto mais tempo o casal se encontra unido, maior será o investimento dos cuidados parentais precoces e posteriores, o que de alguma forma pode beneficiar o processo evolutivo (Guedeney & Guedeney, 2004).

À medida que o indivíduo inicia a sua sociabilização, os pares passam a desempenhar uma função semelhante à que os pais detinham até à adolescência. Apesar disto, as figuras parentais não deixam por completo de ser figuras de suporte emocional passando, contudo, a deter outro lugar na hierarquia das relações do sujeito. Assim, a vinculação amorosa pode iniciar-se por uma necessidade de aproximação, cujo motivador principal é a necessidade de segurança (Hazan, & Shaver, 1994).

A existência de laços de vinculação na idade adulta não tem a mesma função que na infância e/ou adolescência, uma vez que o indivíduo adulto tem autonomia para regular a sua própria sobrevivência (Soares, 2007). Assim, Pinto (2009), menciona que o estabelecimento de relações românticas tem um papel promotor do equilíbrio emocional e psíquico, permitindo o desenvolvimento de estratégias de coping e auto-estima, possibilitando um ambiente de aprendizagens (Melo & Mota, 2014). Pode então, dizer-se que as ligações sociais

desenvolvidas numa fase mais adulta do ciclo vital têm uma função ligada aos cuidados parentais (Guedeney & Guedeney, 2004), função potenciadora da qualidade de vida (Goodwin et al., 1987; Uchino et al., 1996 cit in. Soares, 2007) e satisfação da necessidade de segurança (Hazan e Shaver, 1994).

Ao nível do bem-estar psicológico, Hazan e Shaver (1990) afirmam que rupturas dos laços afectivos (divórcios) são estatisticamente predictoras de perturbações psíquicas, sintomatologias patológicas e comportamentos aditivos, comparativamente com casos onde não se verifica a ausência dos laços de vinculação. A existência desses laços permite ao sujeito a segurança para realizar actividades exploratórias (ao nível de actividades profissionais e investimentos sociais) a partir de uma sólida base de apoio emocional (Guedeney & Guedeney, 2004).

Maine et al. (1985), vem sublinhar o carácter contrastante entre a vinculação infantil e a vinculação adulta, na qual a segunda é descrita como recíproca e onde ambos os membros do casal dão e recebem cuidados (Hazan, & Shaver, 1994).

O estabelecimento de uma relação adulta é decorrente da interacção de três sistemas comportamentais distintos, que se complementam entre si: vinculação, atracção sexual e *caregiving*² (Shaver, Hazan & Bradshaw, 1988; Weiss, 1982 cit in. Hazan, & Shaver, 1994). Os sistemas são activados na presença de determinados “sinais” que surgem no decorrer de interacções sociais. Deste modo, o indivíduo sente-se atraído por outros que exibam esses mesmos sinais. Considerando que não existe uma alteração significativa ao longo do ciclo vital na forma como se estabelecem as principais relações com figuras de vinculação, a procura de parceiros amorosos terá como requisitos as mesmas características que direccionaram a selecção da figura de vinculação na infância (Hazan, & Shaver, 1994).

De forma geral, os relacionamentos são iniciados a partir de uma atracção interpessoal (Berscheid & Walster, 1974; Rubin, 1973 cit in. Hazan, & Shaver, 1994), cujo aumento tende a estar relacionado com o nível de responsividade positiva demonstrado pelo outro (Hazan, & Shaver, 1994). Como já foi referido anteriormente, existem outros sistemas comportamentais que funcionam de forma a promover a atracção interpessoal, como por exemplo o *caregiving*. Assim, um indivíduo que seja mais propenso a necessitar de ser cuidado irá, tendencialmente, procurar essa característica no outro, isto é, alguém que tenha como especificidade o interesse em cuidar do parceiro (Hazan, & Shaver, 1994). A

² Conjunto vasto de comportamentos cujo objectivo é manter o bem-estar do parceiro (Mikulincer & Goodman, 2006).

componente de atracção sexual diz respeito a uma procura de “sinais” sociais que evidenciem esse tipo de disponibilidade por parte do outro. Existe uma enorme diversidade de características que podem induzir à atracção sexual relacionadas com a idade, saúde, estatuto social, inteligência, entre outros (Buss, 1985 cit in Hazan, & Shaver, 1994).

Resumidamente, o estabelecimento de uma relação inclui elementos dos três sistemas que vão sendo integrados no decorrer da mesma. No entanto, a activação de um sistema não determina automaticamente a activação dos demais (Hazan, & Shaver, 1994).

Alguns dos sistemas comportamentais parecem evidenciar-se em detrimento de outros. Sternberg (1986), refere que ao longo do primeiro ano de relacionamento o sistema de atracção sexual é o mais predominante, vindo a perder a relevância a partir do segundo ano. Contrariamente, os sistemas de *caregiving* e vinculação apresentam uma maior importância com a evolução do relacionamento (Hazan, & Shaver, 1994).

1.4 Modelo de Vinculação Adulta de Bartholomew e Horowitz

Como já foi referido, o ambiente no qual o sujeito se desenvolve vai influenciar as diferenças individuais nos padrões comportamentais, cognitivos e emocionais, sendo estes mantidos através das experiências relacionais e subjectivas de cada indivíduo (Hazan, & Shaver, 1994).

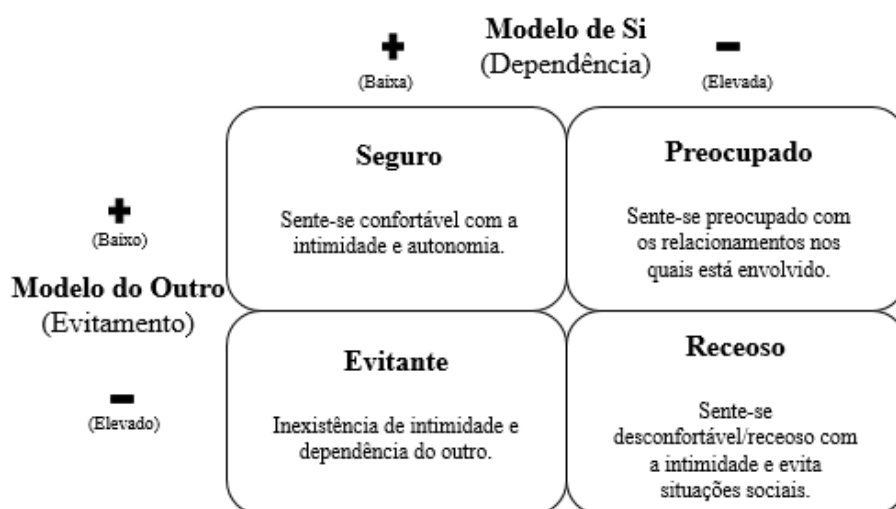


Figura 1 - Modelo de Vinculação adulta de Bartholomew e Horowitz (1991).

Através do contributo teórico de Bowlby, Bartholomew e Horowitz (1991) desenvolvem um modelo de vinculação romântica bidimensional (figura 1). Os dois modelos internos dinâmicos, o modelo de si, o qual diz respeito à imagem que o indivíduo tem de si como digno de suporte, e o modelo do outro, que se refere à imagem que o sujeito tem dos outros como sendo de confiança e receptivos, apresentam-se de forma complementar. Estas duas dimensões podem ser dicotomizadas como negativas e positivas, considerando os níveis de dependência e evitamento, criando deste modo quatro estilos distintos de vinculação: tipo seguro, preocupado, evitante e receoso.

As pessoas caracterizadas pelo tipo seguro são descritas como tendo uma imagem positiva de si mesmas e expectativas positivas relativamente aos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991). No caso do tipo preocupado, pode ser evidenciada uma baixa auto-estima acompanhada em simultâneo por uma percepção dos outros positiva, conduzindo a uma elevada necessidade de aceitação por parte dos outros, isto é, uma maior dependência. No estilo receoso, o indivíduo detém uma imagem negativa de si e dos outros. Deste modo, sente uma elevada necessidade de se proteger de possíveis rejeições, tendo como consequência a dificuldade em desenvolver relações de proximidade. Por fim, uma última categoria, tipo evitante, define os sujeitos que detêm uma imagem de si positiva, opondo-se à imagem negativa que têm dos outros. Nesta situação os indivíduos tentam manter-se independentes e apreciam o sentimento de invulnerabilidade evitando, tendencialmente, relações de proximidade, de modo a protegerem-se de potenciais danos emocionais (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Feeney (1999) revela, a partir dos seus estudos, que estilos de vinculação inseguros estão associados à existência de sentimentos negativos mais intensos e uma menor frequência de sentimentos positivos. No estilo preocupado não existe uma presença evidente de demonstrações negativas. Considerando que este estilo é descrito por um medo exacerbado de perda, existe uma tentativa de bloquear a demonstração de emoções que possam levar a essa consequente perda. A satisfação relacional parece também estar mais presente em sujeitos que exprimam padrões de vinculação seguros.

Como foi mencionado previamente, Bartholomew e Horowitz (1991), também conceptualizam no seu modelo os estilos de vinculação em termos da dependência e evitamento à intimidade. O evitamento da intimidade nos relacionamentos reflete o receio de alguns indivíduos para estabelecer contactos próximos devido à existência de expectativas negativas e consequências aversivas.

Pode dizer-se que pessoas com uma percepção de identidade negativa tendem a evidenciar um comportamento de maior dependência nas suas relações mais próximas. No entanto, pessoas com uma percepção mais negativa relativamente aos outros tendem a evitar intimidade. Nessa lógica, podemos dizer que sujeitos representados nas categorias “preocupado” e “receoso” têm uma maior propensão para dependerem de outros, enquanto os de tipo “evitante” e “receoso”, são tendencialmente mais esquivos no que diz respeito à intimidade. Como podemos verificar o estilo receoso apresenta-se em ambas as categorias evidenciando, tanto a propensão para depender, como o receio de ser íntimo (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Apesar das quatro categorias se agruparem desta forma no que diz respeito às duas dimensões, o modo como exprimem essas tendências pode diferir. Categoricamente, ambos os sujeitos “preocupados” e “receosos” têm maior propensão para o comportamento dependente, no entanto a sua resposta ao nível do envolvimento pode diferir em elevado grau. Indivíduos do estilo preocupado têm a necessidade de aproximação, de modo a satisfazer as necessidades de dependência, enquanto que sujeitos do estilo receoso, apesar de dependentes do outro para satisfazer as necessidades do *self*, receiam uma aproximação profunda pela possibilidade de um eventual desgosto (Bartholomew & Horowitz, 1991).

De acordo com os estudos, indivíduos que se enquadram no tipo de vinculação “receoso” evidenciam problemas de interacção social, no entanto, sujeitos do tipo “evitante” são percepcionados por outros como mais desligados nas suas interacções. Ao contrário das hipóteses iniciais de Bartholomew e Horowitz (1991), o estilo “preocupado”, apesar de revelar alguma passividade e dependência de outros para manter a sua estabilidade psíquica, demonstra também uma necessidade de controlo do outro.

O estilo de vinculação pessoal, independentemente de qual seja, vai interferir com as características do próprio indivíduo, tais como a regulação dos afectos e a auto-estima, como já aqui foi referido. Podemos afirmar que, quando o sujeito desenvolve um tipo de vinculação segura, tem uma maior probabilidade de ter uma auto-estima saudável, uma vez que internaliza o outro como disponível e responsivo. Por oposição, se o mesmo internaliza um estilo evitante, como consequência de uma parentalidade inadequada, a probabilidade de desenvolver uma patologia narcísica da personalidade será mais elevada (Bennett, 2006). Neste sentido, Campbell e Foster (2002) encontraram também uma associação positiva entre o estilo de vinculação evitante e as características narcísicas.

Capítulo 2 – Narcisismo

2.1 Perspectiva histórica

O conceito de narcisismo deve-se ao mito grego de narciso que se encontrava tão enamorado pelo seu próprio reflexo na água que acabou por morrer afogado (Kealy & Ogrodniczuk, 2014). Este mito pode ser visto como prelúdio para a definição deste conceito.

Em finais do século XIX, Ellis (1898) foi o primeiro autor a abordar a temática do narcisismo, descrevendo-o pela presença de uma elevada admiração por si próprio e uma exacerbação de emoções sexuais (Raskin & Terry, 1988).

Posteriormente, Freud (1914) vem dar um sentido mais complexo ao conceito, utilizando-o nas suas teorias. O autor concebe uma distinção entre narcisismo primário e secundário, na qual o primeiro diz respeito a um estágio inicial pelo qual todos os sujeitos passam numa fase precoce do ciclo vital. Neste, a criança apenas se foca na satisfação das suas necessidades biológicas sem se conseguir descentrar sendo, contudo, uma fase transitória. Mais tarde no desenvolvimento da criança, esta começa a diferenciar-se da figura principal de cuidados, e assim percebe a importância do outro na relação. No entanto, para alguns indivíduos, a perda do sentimento de onipotência torna-se insuportavelmente frustrante, dando origem ao narcisismo secundário, este sim patológico (Kealy & Ogrodniczuk, 2014). Ao nível comportamental, Freud descreve o narcisismo pela presença de atitudes de elevada admiração e amor por si próprio, medo da perda amorosa e do fracasso pessoal, uma atitude defensiva (incluindo a megalomania, idealização e negação) e necessidade de ser adorado (Raskin & Terry, 1988).

Cerca de meio século mais tarde, Kohut (1971) percepciona o narcisismo como parte do desenvolvimento humano, podendo tornar-se patológico devido à rejeição por parte dos pais (Emmons, 1987) ou um espelhamento inadequado por parte dos mesmos, no qual a criança é sobrevalorizada a um extremo (Smolewska & Dion, 2005). Assim, a rejeição, sobrevalorização por parte de outros ou problemas na estrutura intrapsíquica, podem fazer com que se desenvolva uma patologia em fases mais tardias do ciclo de vida (Gabbard, 2000 cit in. Bennett, 2006). Kernberg (1975) segue uma ideologia semelhante, justificando o padrão de comportamento como resultado da rejeição ou abandono parental. Igualmente, uma ruptura na relação por perda dos pais no caso de se realizar uma adopção, no caso de morte ou divórcio, pode aumentar o risco do desenvolvimento da patologia narcísica (Kernberg, 2010, 1992, 1989 cit in. Comer, 2013). Consequentemente, faz com que se desenvolva no sujeito um sentimento de que não pode confiar ou ser amado por outros, isto é, só o próprio é digno de confiança (Emmons, 1987). Outro aspecto interessante remete-se à inconsistência de

mecanismos internos de regulação da auto-estima, presente nestes indivíduos, que levam a uma procura inconsciente e externa de gratificação e amor excessivo (Kernberg, 1975; Kohut, 1971 cit in Raskin & Terry, 1988).

Stolorow (1975) vem dar o seu contributo, dizendo que uma forma não-patológica de narcisismo é essencial para o funcionamento saudável do indivíduo, a partir do equilíbrio entre um investimento, avaliação e preservação de si. Este equilíbrio pode contribuir para o alcançar de metas e uma saudável relação com outros indivíduos (Kealy & Ogrodniczuk, 2014).

O padrão comportamental patológico, na perspectiva de Millon (1981), relaciona-se com a aprendizagem social. Contrariamente a ser visto como consequência das competências parentais negativas, é resultado de uma atenção e sobrevalorização extrema por parte dos pais. É comum a situação verificar-se em primogénitos ou indivíduos sem fratria, que recebem uma elevada atenção e um tratamento singular. Desta forma, é desenvolvido um sentimento de invulnerabilidade e de uma auto-estima exacerbada, culminando em ilusões de grandeza que não são vistas como aceitáveis ou adaptativas no mundo real (Emmons, 1987). Estes sujeitos, segundo Rhodewalt e Morf (1998), tendem ainda a ser defensivos quando confrontados com críticas negativas, retiram mérito pelos resultados positivos e culpabilizam a situação ou outros pelos resultados negativos de dado acontecimento (Campbell & Foster, 2002).

O contributo de Linville (1982, 1985), remete-se à complexidade pessoal, isto é, a capacidade de diferenciar os vários aspectos da sua estrutura psíquica (como o eu profissional, o eu familiar e o eu social). Um indivíduo com uma menor complexidade é incapaz de se diferenciar nos vários aspectos da sua vida e, assim, quando experiencia um sucesso ou uma derrota terá uma maior tendência para reagir negativamente/positivamente em todos, deixando que todas as valências da sua vida sejam afectadas pelos eventos. Deste modo, indivíduos com auto-representações cognitivas mais simples revelam ter um humor que pode variar em intensidade e tipologia. Pelo contrário, uma elevada complexidade pessoal pode traduzir-se numa menor flutuação de humor e menor variação na sua auto-estima. O autor menciona ainda que a complexidade do *self* é, normalmente, algo que se desenvolve com o avançar no ciclo vital (Emmons, 1987).

Mais recentemente, o narcisismo patológico é descrito por Pincus and Lukowitsky (2010) como um défice nas estratégias para regular as desilusões e ameaças ao aparelho psíquico (Kealy & Ogrodniczuk, 2014).

A perturbação narcísica da personalidade é, recentemente, descrita pela American Psychiatric Association (APA) (2014) pela existência de um padrão de grandiosidade, necessidade de admiração e ausência empática para com outros. A mesma tem, de forma geral, início na idade adulta e pode integrar em vários contextos da vida dos sujeitos. Entre os sentimentos mais comuns exibidos por estes sujeitos encontram-se a percepção de grandiosidade, podendo mesmo ser descritos como pessoas pretensiosas, considerando-se superiores e únicos, preferindo associar-se a indivíduos de estatuto social superior. Os mesmos têm ainda pouca capacidade para se colocar no lugar dos outros, pensando apenas nas suas próprias necessidades. Frequentemente, sentem inveja pelos sucessos alheios ou imaginam que são invejados pelo seu próprio sucesso. Contudo, revelam uma frágil auto-estima, o que poderá fazer com que se preocupem em demasia com a apreciação que os outros possam ter a seu respeito. Assim, devido a esta fragilidade, podem ser gerados sentimentos de humilhação, de tristeza ou até mesmo raiva.

A um nível interpessoal, estes indivíduos relatam uma percepção exageradamente positiva de si próprio (John & Robins, 1994 cit in. Campbell & Foster, 2002) e gostam, igualmente, de impressionar os outros enaltecendo-se (Buss & Chiodo, 1991 cit in. Campbell & Foster, 2002). Comparativamente com sujeitos que não detêm este tipo de características, os narcísicos são tendencialmente mais egoístas e apenas se preocupam com os próprios (Farwell & Wohlwend-Lloyd, 1998; John & Robins, 1994 cit in. Campbell & Foster, 2002), são menos empáticos (Watson et al., 1984 cit in Campbell & Foster, 2002) e menos interessados em manter uma relação de intimidade (Carroll, 1987 cit in Campbell & Foster, 2002).

A variação nos níveis de narcisismo pode depender da cultura e é sugerido que ocorrem, em algumas sociedades, ciclicamente rupturas nos valores e ideais familiares, criando gerações propensas a uma maior tendência para o egocentrismo e materialismo (Comer, 2013). Alguns estudos afirmam ainda, que o narcisismo tem uma maior incidência no sexo masculino. Igualmente, pessoas mais jovens reportam valores mais elevados de narcisismo comparativamente a pessoas com mais idade, revelando-se um dos factores que mais ajudam a explicar os níveis do mesmo. No entanto, as diferenças geracionais ajudam a prever estes resultados, uma vez que vivemos numa época caracterizada por algum individualismo e narcisismo emergente (Foster, Campbell & Twenge, 2003).

2.2 Dois tipos de narcisismo: Manifesto e Latente

Alguns autores atribuem como consequência do narcisismo a insensibilidade ou sobrevalorização parental. A auto-estima exacerbada é também acompanhada por um elevado sentimento de inferioridade como consequência da resposta parental. Através dos mecanismos de defesa este conflito mantém-se inconsciente. Neste sentido, o facto de haver uma dicotomia de sentimentos leva a que alguns autores, nomeadamente Kernberg (1975) e Kohut (1977), afirmem a existência de dois tipos distintos de narcisismo: narcisismo manifesto e latente. Embora detendo características distintas, ambos os estilos partilham a mesma falta de empatia para com os outros e a percepção de que merecem mais que os demais indivíduos (Wink, 1991).

O narcisismo manifesto revela-se pela presença de uma percepção existencial megalómana, demonstrada a partir de um elevado exibicionismo, uma noção de grandeza e necessidade de admiração por parte dos que o rodeiam (Wink, 1991), além de uma elevada auto-confiança e necessidade de se afirmar como superiores (Reich's, 1949 cit in. Wink, 1991). Na escala NPI (Narcisim Personal Inventory), que avalia o narcisismo, estes sujeitos revelam valores mais elevados na dimensão Grandiosidade-Exibicionismo. São evidentes comportamentos de elevada confiança em si mesmo e nas suas capacidades, comportamentos mais agressivos, exibicionistas e de desrespeito pelas necessidades dos que o rodeiam. Estas características podem causar constrangimentos ao nível da elevada autoconfiança, a grande necessidade de admiração e um maior nível de agressividade (Wink, 1991). Estes sujeitos demonstram, ainda, maiores níveis de auto-estima e felicidade, em comparação com os de estilo narcisismo latente que são categorizados como mais infelizes (Rose, 2002).

O narcisismo latente é, por sua vez, descrito pela presença inconsciente de sentimentos de grandeza, ausência de auto confiança e iniciativa, possíveis sentimentos depressivos, ausência de entusiasmo relativo ao trabalho (Wink, 1991) e uma desadequada regulação emocional (Hendin & Cheek, 1997 cit in. Smolewska & Dion, 2005). Estes podem ser entendidos como indivíduos hipersensíveis, ansiosos, inseguros, tímidos, embora possam manter as suas ideias fantasiosas (Kernberg, 1986 cit in. Wink, 1991). Na escala NPI, indicam um valor mais elevado na dimensão de Vulnerabilidade-Sensibilidade, apresentando características mais defensivas, uma maior hipersensibilidade e ansiedade. Embora sejam mais introvertidos e reservados ao nível das suas relações interpessoais, as mesmas são marcadas por uma evidente necessidade de se focar em si e nas suas vontades acima das dos demais. Todavia, existem dificuldades associadas como ansiedade, pessimismo, baixa

satisfação pessoal, bem como uma maior vulnerabilidade para situações geradoras de stress (Wink, 1991).

Hazan and Shaver, Smolewska e Dion (2005), concluem que existe uma relação entre os dois estilos de narcisismo e alguns estilos de vinculação. Pode dizer-se que narcísicos de estilo latente revelam uma maior ansiedade no que diz respeito às relações íntimas, possivelmente pelo receio de não serem dignos de amor e cuidado relacionando-se, assim, com o estilo de vinculação ansioso/receoso. No estilo de narcisismo manifesto, os sujeitos demonstram ser defensivos e indiferentes, evidenciando uma ausência de ligações emocionais nas suas relações, o que pode ser associado ao estilo de vinculação evitante. Deste modo, os estilos de vinculação podem ser vistos como base para o desenvolvimento do narcisismo (Bennett, 2006).

2.3 Narcisismo e relações amorosas

A capacidade de receber e proporcionar amor é uma das aquisições de maior importância no desenvolvimento do ser humano. Como nos é relatado no mito de narciso, indivíduos caracterizados como narcísicos tendem a ser vistos como enamorados por si mesmos, em tal grau que é isso que os incapacita de se envolverem intimamente com outras pessoas (Kealy & Ogrodniczuk, 2014).

Segundo Matos (Matos, 1983), um indivíduo cuja representação de afecto foi reduzida na infância terá mais dificuldades a exhibir esses comportamentos mais tarde. Isto traduz um pouco da problemática, uma vez que esta patologia não revela apenas ser um problema para o próprio indivíduo, mas influencia de igual forma a vida familiar e interpessoal (Kealy & Ogrodniczuk, 2014).

O narcísico tem como características centrais a existência de uma personalidade difusa e a falta de empatia, não havendo grande interesse pelo mundo interno do parceiro. Deste modo, quando pessoas com personalidades narcísicas se envolvem intimamente têm a tendência a idealizar o outro, centrando-se em aspectos físicos, recursos financeiros, admirando essas mesmas características e tornando-as partes integrativas de si próprios (Kernberg, 1995). Existe também, uma tendência para procurar pessoas com o mesmo tipo de características (crenças e valores). Assim níveis mais elevados de narcisismo estão relacionados com parceiros cujos níveis também são elevados, culminando numa possível instabilidade relacional (Keller, Blincoe, Gilbert, Dewall, Haak & Widiger, 2014).

A partir de uma comparação realizada entre casais com características narcísicas patológicas e casais sem quaisquer sinais das mesmas, Kernberg (1995) diz-nos que indivíduos cujas características se encontram ausentes são capazes de se relacionar com o outro a nível romântico e manter essa mesma relação. Por oposição, os indivíduos com características exacerbadas são incapazes de se relacionar de forma íntima e saudável com outra pessoa. A mesma dificuldade pode ser verificada em indivíduos onde a severidade patológica não se encontra propriamente evidente bastando, para tal, deter alguns dos padrões comportamentais.

Campbell e Foster (2002) revelam a mesma opinião relativamente ao impacto negativo que este padrão comportamental pode ter nas relações interpessoais. A procura de admiração social, a tendência para idealizar o outro, a extrema sensibilidade às críticas negativas, a pouca manifestação de empatia e a facilidade que evidenciam em usar os demais para atingir os seus fins sem que sintam culpa, são prova dessa mesma incapacidade para se relacionarem de forma adaptativa com o outro.

Os narcísicos, ao nível da díade romântica, demonstram um rápido desinteresse e falta de compromisso (Masterson, 1988 cit in. Campbell & Foster, 2002). Campbell & Foster (2002) concluíram nos seus estudos a relação negativa entre o compromisso e o narcisismo. Os autores usam o modelo de compromisso (que será explicado adiante) para descrever que indivíduos cujos níveis de narcisismo são superiores revelam uma elevada percepção de alternativas (figura 2). Este facto irá resultar numa dificuldade maior para manter uma relação a longo prazo (Sedikides, Gregg, Rudich, Kumashiro & Rusbult, 2004).

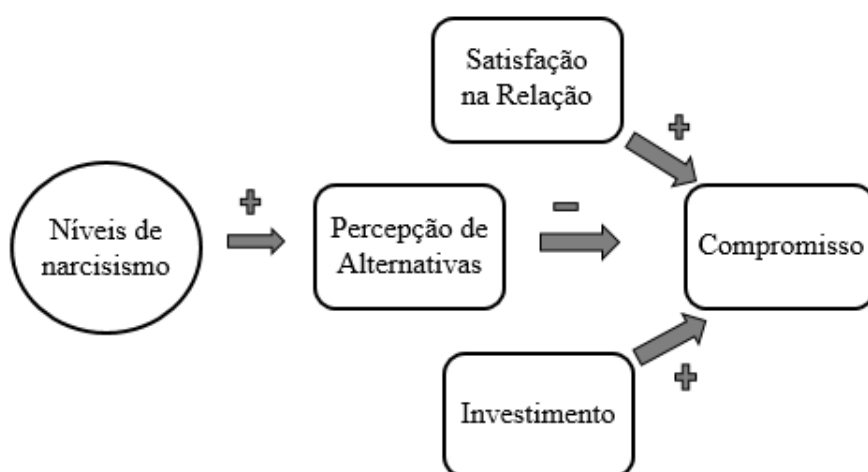


Figura 2 - Conclusão dos estudos acerca dos níveis de compromisso e narcisismo (Campbell & Foster, 2002).

Como já referimos, o contexto que mais poderá sofrer a influência de um estilo interpessoal narcísico é a vivência relacional dos sujeitos. Estes iniciam as suas relações pela idealização do parceiro e estas, com frequência, têm uma curta duração, muitas vezes por conhecerem melhor o outro ou por existir outro parceiro disponível. Outro possível motivo para a curta periodicidade relacional poderá ser o facto de estes indivíduos percepcionarem a intimidade e o compromisso como algo potencialmente prejudicial e ameaçador. Estes sujeitos, além de retirarem um maior prazer da fase de conquista, o que se traduz num baixo nível de compromisso (Campbell & Foster, 2002; Sedikides, Gregg, Rudich, Kumashiro & Rusbult, 2004) evidenciam, igualmente, uma preferência para se relacionarem com pessoas bem-sucedidas que não demonstram interesse numa elevada proximidade emocional. Simultaneamente, é habitual iniciarem um novo relacionamento com um novo parceiro cujos defeitos não sejam iguais aos do parceiro anterior (Campbell & Foster, 2002).

Masterson (1988) salienta, ainda, a questão da superficialidade, carácter transitório, a falta de consideração pelos sentimentos e necessidades do parceiro, a sua necessidade de conquista nas relações amorosas, e desenvolvimento de padrões crónicos de procura do parceiro ideal, confirmando as pesquisas existentes acerca da presença de uma relação negativa entre narcisismo e o compromisso (Campbell & Foster, 2002).

No que concerne à satisfação relacional, os indivíduos cujas características narcísicas são mais evidentes, poderão revelar índices mais baixos dado que, na sua opinião, os próprios têm qualidades mais prestigiosas que os outros. Existe, deste modo, uma tendência para que não se sintam completamente satisfeitos no seu relacionamento com o parceiro (Van Lange & Rusbult, 1995 cit in. Campbell & Foster, 2002). O seu investimento na relação também se revela mais reduzido, uma vez que se centram demasiado em si próprios (Emmons, 1987 cit in Campbell & Foster, 2002).

Capítulo 3 – Compromisso e Satisfação Relacional

3.1 Compromisso na relação amorosa

O interesse nos motivos pelos quais algumas relações persistem e outras não tem vindo a evidenciar-se cada vez mais ao longo dos anos. Assim, a emergência de teorias em torno deste tema é bastante recente.

De alguma forma, parece do senso comum que a presença de amor e o sentimento de felicidade na relação será preditor do seu sucesso. Todavia, parece-nos uma explicação um tanto simplista e pouco complexa. A presença dessas características não explica, no entanto, o porquê de algumas relações acabarem quando ambos os membros do casal são felizes, e a existência de casais infelizes que se mantêm juntos. Assim, alguns teóricos, nomeadamente Rusbult (1980), referem que o factor que melhor prediz a longevidade de uma relação é o compromisso (Rusbult, Martz & Agnew, 1998).

O compromisso é uma característica fundamental de um relacionamento saudável, e pode ser descrito pelo desejo ou intenção de se manter num relacionamento com outro, detendo uma elevada influência no sucesso da relação. De facto, indivíduos cujos níveis de compromisso são mais elevados apresentam mais comportamentos de manutenção da relação (Campbell & Foster, 2002), agindo de forma a beneficiar primariamente o casal e não apenas o indivíduo singular (Stanley, Rhoades, Whitton, 2010). A estratégia que melhor parece preservar a relação é a acomodação. Esta traduz-se por um esforço para superar os conflitos, discutir de forma construtiva acerca dos problemas e manter-se leal e fiel ao parceiro, não recorrendo ao uso de estratégias como ignorar os problemas ou evitá-los (Campbell & Foster, 2002).

Um dos maiores benefícios que advém do compromisso é a perspectiva de previsibilidade que se pode ter a longo prazo, ao contrário do viver espontaneamente no momento. Assim, quando a relação romântica é vista numa perspectiva futura, existirá uma maior probabilidade dos sujeitos se concentrarem maioritariamente no que é melhor para a relação, em oposição do que é mais benéfico para si como pessoa singular. Se considerarmos que poucos relacionamentos são continuamente satisfatórios, uma perspectiva a curto prazo poderá induzir um elevado nível de tensão nas interações (negativas e positivas), produzindo constantes avaliações acerca da estabilidade do relacionamento (Stanley, Rhoades, Whitton, 2010).

Johnson (1973), um dos autores mais relevantes na clarificação deste conceito, desenvolve um modelo no qual distingue três dimensões diferentes do compromisso: pessoal, moral e estrutural. Podemos assumir como compromisso pessoal quando o indivíduo

pretende, por vontade própria, estar comprometido a determinada pessoa. O mesmo distingue-se do compromisso moral, que representa uma percepção de obrigação em relação a determinado relacionamento. O compromisso estrutural diz respeito às condicionantes que levam a que uma relação se mantenha (como por exemplo a fraca qualidade de alternativas ou a dificuldade para terminar o relacionamento) (Rhoades, Stanley, & Markman, 2010).

Assim, existe uma diferença entre o tipo de compromisso no qual o indivíduo se mantém por opção própria, e um tipo de compromisso relacionado com condicionantes que mantêm o sujeito no relacionamento a longo prazo, podendo ser designado por compromisso condicionado (Rhoades, Stanley, Kelmer & Markman, 2010). Estas condicionantes podem assumir várias formas e influenciar de modo diferente cada relação (Goodfriend & Agnew, 2008 cit in. Rhoades, Stanley, Kelmer & Markman, 2010). Os autores enumeram condicionantes que, a seu ver, podem induzir a que uma relação se mantenha, impedindo, desta forma, que um dos companheiros a abandone. Assim, variáveis como viver na mesma casa, ter descendência em comum, pressão social, importarem-se com o bem-estar do companheiro, a percepção da qualidade das alternativas relativamente às escolhas de vida, investimentos materiais que possam ser perdidos aquando da separação, a qualidade da escolha de possíveis parceiros, a duração da relação e a sensação de que se está enclausurado na mesma, podem conduzir a que um relacionamento se mantenha, mesmo quando este já não é satisfatório para um ou ambos os envolvidos (Rhoades, Stanley, Kelmer & Markman, 2010).

3.1.2 Modelo de Investimento de Rusbult

A teoria acerca do Modelo de Investimento de Rusbult (1980) (figura 3), baseia-se na premissa de que os indivíduos são motivados a otimizar ganhos e minimizar custos. Esta teoria é fundamentada a partir do Modelo de Interdependência, cuja posição é de que uma relação persiste, não apenas pelas características dos dois indivíduos, mas sim pelo nível de interdependência que se gera entre parceiros (Stanley, Rhoades & Whitton, 2010). Mais especificamente, os motivos que ajudam a explicar a durabilidade de uma relação são a satisfação na relação e a qualidade das alternativas. Deste modo, indivíduos que sentem que as suas necessidades estão a ser preenchidas e exibem uma afetividade positiva, revelam-se mais satisfeitos com a relação. No que diz respeito à qualidade das alternativas, o que se pretende dizer é que será mais plausível que determinada pessoa se mantenha num relacionamento se a mesma verificar que as suas necessidades não poderão ser satisfeitas por

outros possíveis parceiros. Assim, o facto de haver uma elevada probabilidade de que estas necessidades não sejam satisfeitas fora da relação aumenta a dependência para com o parceiro actual (Rusbult, Martz & Agnew, 1998).



Figura 3 - Modelo do Investimento (Rusbult, Martz, Agnew, 1998).

Contudo, Rusbult acredita que estes dois factores não se demonstram suficientes para prever a durabilidade de um relacionamento, referindo a importância de um terceiro aspecto: o nível de investimento. Este, reflete o nível de recursos que são investidos no outro e na relação, isto é, com o avançar da mesma os parceiros vão investindo cada vez mais no relacionamento e no parceiro. O aumento de recursos investidos eleva também os custos de terminar a relação o que, por sua vez, potencia os níveis de compromisso. Assim, poderá dizer-se que o nível de compromisso é consequência de uma dependência do parceiro (Rusbult, Martz & And Agnew, 1998).

Rusbult e Buunk, (1993) confirmam o que é descrito no Modelo de Investimento, dado que nos seus estudos encontraram uma relação entre o compromisso e a satisfação relacional, uma vez que quanto maior é uma das variáveis, maior será a outra. No mesmo estudo revelam, de igual forma, que quando as duas variáveis anteriores aumentam, a qualidade de alternativas diminui (Stanley, Rhoades, Whitton, 2010).

3.2 Satisfação relacional

O objectivo principal dos indivíduos quando iniciam uma relação amorosa é a manutenção da mesma, o que se consegue a partir da satisfação que é obtida na vivência desta. A vivência deve ser positiva tendo em conta as expectativas que se detêm do relacionamento e do parceiro (Andrade, Garcia & Cano, 2009). Essa mesma satisfação é traduzida por Rusbult (1983) como uma avaliação intrapessoal positiva de sentimentos em relação ao parceiro e ao relacionamento. No entanto, existe uma vasta gama de factores que podem influenciar a satisfação, como sendo o compromisso, a estabilidade relacional, os custos-benefícios, entre outros (Sakalli, 2003). Neste seguimento, Sternberg (1989) refere que a satisfação relacional provém da comparação entre os seus relacionamentos passados e o actual. O autor refere, ainda, a similitude entre satisfação e qualidade, dizendo mesmo que ambas são entendidas como sinónimos (Andrade, Garcia & Cano, 2009). No entanto, a satisfação pode ser muitas das vezes vista como resultante da qualidade da relação, mas a verdade é que a mesma também influencia a qualidade de trocas relacionais (Kelley et al., 1983, cit in. Hendrick, Hendrick, & Adler, 1988).

Assim, podemos dizer que a satisfação global da relação provém de vários aspectos como o respeito, a valorização do parceiro, proximidade, atracção física, desejo, comportamento sexual (Andrade, Garcia & Cano, 2009), além da partilha de pensamentos e sentimentos com o parceiro (Hendrick, Hendrick, & Adler, 1988).

A satisfação relacional não se demonstra apenas importante para a vivência da relação, mas também influencia o bem-estar psicológico de cada indivíduo e os demais contextos da vida (Andrade et al., 2005 cit in. Andrade, Garcia & Cano, 2009).

Capítulo 4 – Objectivos e Método

4.1 Objectivos e Hipóteses

A presente investigação tem como principal fundamento verificar a relação existente entre os estilos de vinculação adulta, os níveis de narcisismo e algumas componentes da relação amorosa adulta, como sendo o compromisso e a satisfação relacional.

Tendo por base a revisão bibliográfica efetuada, espera-se verificar as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 – Níveis elevados de narcisismo encontram-se correlacionados com níveis baixos de compromisso.

Hipótese 2 – Níveis de narcisismo elevados correlacionam-se positivamente com relacionamentos de curta duração.

Hipótese 3 – Indivíduos cujo estilo de vinculação amorosa é preocupado ou receoso (modelo de si negativo - maiores níveis de mais dependência) relacionam-se positivamente com elevados níveis de compromisso e satisfação relacional.

Hipótese 4 – Sujeitos cujos estilos de vinculação amorosa são seguro ou preocupado (modelo positivo do outro – menor evitamento) relacionam-se com uma periodicidade longa relacional.

4.2 Amostra

Participaram neste estudo 136 indivíduos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos ($M = 31.92$, $DP = 9.55$). A maioria dos participantes era do sexo feminino (77.9%), possuíam a nível das suas habilitações mestrado ou um grau superior (73.6%) (ver Tabela 1). Todos os participantes se encontram atualmente envolvidos num relacionamento. Relativamente à sua duração, esse valor foi de 8.5 meses ($DP = 10.97$). O número médio de relações monogâmicas ao longo da vida que os participantes referiram foi de 3.12 ($DP = 3.19$). Por outro lado, o número médio de parceiros sexuais ao longo da vida foi de 6.26 ($DP = 8.54$).

Tabela 1 – Características demográficas da amostra (N=136)

	N	%
Sexo		
Masculino	30	22.1
Feminino	106	77.9
Habilitações		
2º ciclo	4	2.9
3º ciclo	32	23.5
Mestrado ou superior	100	73.6

4.3 Medidas

4.3.1 Questionário sociodemográfico

Na presente investigação foi iniciado o protocolo de avaliação com um questionário de dados sociodemográficos, no qual os participantes foram inquiridos sobre a idade, género, habilitações literárias, estado civil, número de parceiros sexuais ao longo da vida, numero de parceiros sexuais que tem actualmente, se encontraria envolvido numa relação amorosa e a quanto tempo, e por fim, numero de relacionamentos monógamos.

4.3.2 Questionário de Vinculação adulta - *Relationship Questionnaire*

A *Relationship Questionnaire* (RQ) tem como propósito avaliar estilo de vinculação de um determinado sujeito, podendo variar entre seguro, preocupado, receoso e evitante. Trata-se de um questionário adaptado a partir de uma outra medida desenvolvida por Hazan e Shaver (1987). O RQ é composto por duas perguntas: na primeira é pedido aos sujeitos que seleccionem o estilo de vinculação que melhor se adequa a si e numa segunda parte o sujeito deveria avaliar (numa escala de 1 a 7, onde 1- “nada parecido comigo” e 7 –“muito parecido comigo”) cada estilo de vinculação (Bartholomew e Horowitz, 1991).

A validação da escala em castelhano obteve os mesmos resultados que a escala original, encontrando na análise factorial os dois mesmos factores (evitação ansiedade) referentes ao modelo de si e do outro. Revela ainda avaliar de forma consistente os vários estilos de vinculação (Yáñez-Yaben & Comino, 2011).

4.3.3 Inventário Narcísico da Personalidade - *Narcissistic Personality Inventory*

O *Narcissistic Personality Inventory* (NPI) foi desenvolvido por Raskin e Hall (1979), e pretende avaliar as diferenças nos níveis de narcisismo em populações geral, havendo sido criado a partir dos critérios expostos no DSM-III. Inicialmente constituído por 54 itens veio posteriormente a sofrer algumas reformulações, detendo agora 40 itens. O inventário divide-se em sete componentes: autoridade (itens 1, 8, 10, 11, 12, 32, 33, 36), independência (itens 17, 21, 22, 31, 34, 39), superioridade (itens 4, 9, 26, 37, 40), exibicionismo (itens 2, 3, 7, 20, 28, 30, 38), exploração (itens 6, 13, 16, 23, 35), vaidade (itens 15, 19, 29) e sentido de justiça (itens 5, 14, 18, 24, 25, 27). O formato de resposta é dicotómico. São apresentadas duas afirmações e é pedido para que seja escolhida a que mais se assemelhe ao próprio (Raskin, & Terry, 1988).

No que diz respeito a fidelidade o NPI revela que é de facto uma medida que sintetiza de maneira correcta o conceito central de narcisismo, avaliando desta forma as suas componentes de uma forma correcta. A sua consistência interna corresponde a um valor aceitável ($\alpha = .83$) (Raskin, & Terry, 1988).

4.3.4 Escala de compromisso - *Commitment Scale*

A *Commitment Scale* (CS) foi criada a partir do modelo de investimento de Rusbult, Martz e Agnew, (1998), e tem como função determinar o nível de compromisso no que diz respeito ao atual relacionamento do participante. A Escala é constituída por 15 itens que se agrupam em três subescalas, “interesse em continuar” ou “*intent to persist*” (itens 1, 5, 10, 11 e 14), “Vínculo” (itens 2, 4, 9, 13 e 15) e “Longo prazo” (itens 3, 6, 7, 8 e 12). O formato de resposta é uma escala de Likert de nove pontos, de 0 a 8, representando 0 – “Não concordo”, o 4 – “Concordo moderadamente” e o 8 – “Concordo totalmente”. A pontuação total de cada subescala é obtida pela soma dos resultados dos itens que a compõem, podendo o seu valor variar entre 0 e 40. Trata-se de um instrumento com boas propriedades psicométricas, evidenciando em várias ocasiões valores do α de Cronbach que se situaram entre .92 e .95 (Rusbult, Martz & Agnew, 1998).

4.3.5 Escala de satisfação relacional - *Relationship Assessment Scale*

A *Relationship Assessment Scale* (RAS), elaborada por Hendricks (1988), consiste numa lista de sete afirmações que pretendem avaliar a satisfação obtida decorrente da relação amorosa. Em relação a cada afirmação, os participantes devem pontuar o seu grau de concordância utilizando uma escala de Likert de 5 pontos, em que o valor 1 representa

“Nada/Nunca/Muito pouco” e o valor 5 “Nada/Sempre/Bastante”. A pontuação total, que pode variar entre 7 e 35, é obtida pela soma dos itens, e assim resultados mais elevados revelam maiores níveis de satisfação, enquanto resultados mais baixos revelam um índice menor de satisfação. Vários trabalhos mostraram que esta escala apresenta correlações positivas e significativas com outras medidas de atitudes sexuais, compromisso, revelação e investimento na relação (Hendrick, 1988). A RAS apresenta bons valores de consistência interna, com um valor de alpha de Cronbach igual a .86 (Slatcher & Pennebaker, 2006).

4.4 Procedimento

Para a construção da atual dissertação de mestrado, foi elaborado um questionário *online* através do “gmail”, no qual foi colocada toda a informação relativa ao protocolo de avaliação. Posteriormente foi pedida a colaboração para a publicação do mesmo, em vários fóruns na internet. Foi feita a indicação que o protocolo demoraria aproximadamente 15 minutos a ser concluído.

Os dados demográficos e os dados obtidos a partir das escalas, foram transcritos para um ficheiro Microsoft Excel e posteriormente exportados para o SPSS, para se proceder à análise estatística dos mesmos.

Capítulo 5 – Resultados

Em primeiro lugar, fomos analisar a distribuição dos participantes pelos estilos de vinculação e por sexo. Os resultados mostram que esta distribuição pode ser considerada homogénea ($\chi^2(3) = 6.83, p = .07$) sendo o estilo seguro o predominante (52.9%), seguido pelo estilo receoso (26.5%), evitante (11.8%) e o menos frequente foi o estilo preocupado (8.8%). Quanto à distribuição por sexos, verificamos que o estilo Seguro foi o predominante em ambos os sexos, seguido pelo estilo receoso nas mulheres e o evitante nos homens (ver Tabela 2).

Tabela 2 – Distribuição dos participantes por sexo e estilo de vinculação

	Masculino	Feminino	Total	χ^2
Estilo Vinculação				6.83
Seguro	19 (63.3)	53 (50.0)	72	
Receoso	4 (13.3)	32 (30.2)	36	
Preocupado	1 (3.3)	11 (10.4)	12	
Evitante	6 (20.0)	10 (9.4)	16	

Diferença de Médias

Foi efectuado um teste t para comparar os valores médios dos estilos de vinculação, narcisismo, satisfação na relação e investimento e compromisso nos participantes masculinos e femininos do nosso estudo (ver Tabela 3). Os resultados mostraram a existencia de diferença significativas nas variáveis receoso, $t(134) = -2.29, p = .023$, onde as mulheres ($M = 3.79, DP = 1.85$) obtiveram valores mais elevados que os homens ($M = 2.93, DP = 1.66$) e longo prazo $t(134) = -2.25, p = .026$, em que a média do grupo feminino ($M = 6.12, DP = 1.73$) foi mais elevada que a do grupo masculino ($M = 5.29, DP = 1.92$).

Tabela 3 – Diferença de médias por sexo nas variáveis estudadas

	Sexo				t (134)	p
	Masculino (N=30)		Feminino (N=106)			
	M	DP	M	DP		
Seguro	4.03	1.61	4.58	1.47	-1.78	.077
Receoso	2.93	1.66	3.79	1.85	-2.29	.023
Preocupado	2.93	1.46	3.05	1.69	-.33	.738
Evitante	3.60	1.94	3.09	1.81	1.33	.186
Modelo de Si	1.77	2.99	.84	4.37	1.09	.278
Modelo do Outro	.43	3.71	.75	3.05	-.47	.639
Narcisismo	11.07	2.08	10.48	2.13	1.33	.185
Interesse Contin.	6.25	1.39	6.56	1.58	-.97	.332
Vinculo	5.33	1.49	5.71	1.43	-1.27	.207
Longo Prazo	5.29	1.92	6.12	1.73	-2.25	.026
Investimento Total	5.62	1.44	6.13	1.42	-1.71	.090
Satisfação Relação	29.67	4.47	28.72	4.81	.97	.334

Em seguida foi efectuada uma ANOVA para comparar os valores médios do narcisismo, interesse na continuidade, vínculo, compromisso a longo prazo, investimento total, satisfação na relação e tempo de duração da relação, em função dos diferentes estilos de vinculação (ver Tabela 4). Os resultados mostraram diferenças significativas nas variáveis Interesse na Continuidade, Vínculo, Investimento Total e Tempo de Relação. No interesse na continuidade ($F(3,132) = 2.789$, $p = .043$) observam-se valores significativamente superiores no estilo preocupado ($M = 7.55$) quando comparados com o estilo evitante ($M = 5.93$). A nível da dimensão vínculo ($F(3,132) = 2.840$, $p = .041$) verifica-se que o estilo evitante ($M = 5.03$) apresenta valores significativamente inferiores ao preocupado ($M = 6.58$), enquanto na escala de investimento total ($F(3,184) = 3.146$, $p = .027$), o estilo evitante ($M = 5.43$) é significativamente inferior ao estilos preocupado ($M = 7.05$). Relativamente ao tempo de duração da relação, também existem diferenças ($F(3,184) = 4.164$, $p < .05$), com os participantes com estilo evitante ($M = 4.81$) e receoso ($M = 5.91$) a evidenciarem um tempo médio de relação significativamente inferior aos participantes com estilo seguro ($M = 9.13$) e os de estilo preocupado ($M = 17.33$) a apresentarem valores superiores aos outros três grupos.

Tabela 4 – Resultados da ANOVA das variáveis utilizadas e do tempo de relação tomando como factor o estilo de vinculação

	Estilos de Vinculação								<i>F</i> (3,132)	<i>Sig</i>	<i>η</i> ²
	Seguro		Receoso		Preocupado		Evitante				
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Narcisismo	10.25	2.19	11.41	1.67	10.83	2.59	10.38	2.25	2.411	.070	.053
Int_Cont	6.43 ^{ab}	1.64	6.54 ^{ab}	1.39	7.55 ^a	.52	5.93 ^b	1.55	2.789	.043	.061
Vinculo	5.57 ^{ab}	1.47	5.73 ^{ab}	1.29	6.58 ^a	1.17	5.03 ^b	1.64	2.840	.041	.062
Longo Prazo	5.88	1.89	5.88	1.65	7.02	.70	5.35	1.96	2.108	.102	.047
Investimento Total	5.96 ^{ab}	1.53	6.05 ^{ab}	1.23	7.05 ^a	.65	5.43 ^b	1.50	3.146	.027	.068
Satisfação Relação	29.59	5.02	28.21	4.58	28.00	4.61	28.44	3.97	.926	.430	.021
Tempo de Relação	9.13 ^{ab}	8.46	5.91 ^b	7.03	17.33 ^a	26.42	4.81 ^b	3.94	4.164	.007	.088

Nota: Os índices diferentes referem-se a médias significativamente diferentes para um $p < .05$

Correlações

Foi analisada em primeiro lugar a relação entre os estilos de vinculação e o tempo de relação. Foram igualmente incluídas nesta análise duas outras variáveis, o modelo de si e o modelo do outro, como referenciado por Bartholomew e Horowitz (1991). Os resultados (ver Tabela 5) mostram que, a nível dos estilos de vinculação, o estilo seguro se correlaciona de forma inversa e significativa com o estilo receoso ($r = -.33, p < .01$), preocupado ($r = -.26, p < .01$) e evitante ($r = -.13, p < .05$), enquanto o estilo preocupado e receoso se correlacionam positivamente entre si ($r = .42, p < .01$). Como era de esperar, o modelo de si correlaciona-se de forma positiva os estilos de vinculação seguro ($r = .56$) e evitante ($r = .42$), e de forma negativa com os estilos receoso ($r = -.75$) e preocupado ($r = -.68$). Do mesmo modo, o modelo do outro relacionou-se de forma positiva com os estilos seguro ($r = .60$) e preocupado ($r = .15$), e de forma negativa com os estilos receoso ($r = -.49$) e evitante ($r = -.62$). O tempo de duração da relação apresentou correlações negativas com os estilos receoso ($r = -.15, p < .05$) e evitante ($r = -.20, p < .01$), e uma correlação positiva com o modelo do outro ($r = .26, p < .01$).

Tabela 5 – Intercorrelações entre os estilos de vinculação e tempo de relação

	Receoso	Preocupado	Evitante	Modelo de Si	Modelo do Outro	Tempo_ Rel_Actual
Seguro	-.33**	-.26**	-.13	.56**	.60**	.09
Receoso		.42**	-.04	-.75**	-.49**	-.15
Preocupado			.00	-.68**	.15	.04
Evitante				.42**	-.62**	-.20*
Modelo de Si					.10	.00
Modelo do Outro						.26**

Em seguida fomos analisar as correlações entre as variáveis estudadas, os modelos de si e do outro (ver Tabela 6). Os resultados mostram que o narcisismo apenas se correlaciona significativamente, de forma fraca e negativa ($r = -.18, p < .05$), com o Modelo de Si. A satisfação na relação correlaciona-se de forma positiva e moderada com o interesse na continuidade ($r = .50$), vínculo ($r = .41$), longo prazo ($r = .33$), e com a escala total do investimento total ($r = .46$), sendo

todas as correlações significativas para um nível de .01.

Por outro lado, o modelo de si correlacionou-se negativamente, para além do narcisismo, com o vínculo ($r = -.22, p < .05$) e investimento a longo prazo ($r = -.18, p < .05$), enquanto o modelo do outro se correlaciona de forma positiva com a satisfação na relação ($r = .18$), interesse na continuidade ($r = .18$), longo prazo ($r = .22$) e com a escala de investimento total ($r = .20$), com um nível de significância de .05.

Tabela 6 – Intercorrelações entre as variáveis estudadas

	Int Cont	Vínculo	Longo Prazo	Invest. Total	Satisfação Relação	Modelo de Si	Modelo do Outro
Narcisismo	.02	.00	.05	.03	.01	-.18*	-.13
Int_Cont		.77**	.74**	.93**	.50**	-.16	.18*
Vínculo			.64**	.88**	.41**	-.22**	.14
Longo_Prazo				.90**	.33**	-.12	.22*
Invest_Total					.46**	-.18*	.20*
Satisf. Relação						.03	.18*
Modelo de Si							.10

Análise de Regressão

Foi efectuada uma análise de regressão sobre a satisfação na relação, tomando como preditores o narcisismo, o investimento e compromisso (utilizando as dimensões interesse na continuidade, vínculo e longo prazo, mas não incluindo a escala total em virtude de esta apresentar correlações muito elevadas com as três dimensões que a constituem), e os modelos de si e do outro.

A análise de regressão identificou um preditor significativo ($F(6,129) = 8.53, p < .001$), o Interesse em continuar (ver Tabela 7), o qual explica 28,4 % da variância total.

Tabela 7 – Resultados da análise de regressão

	B	EP B	β	<i>p</i>	<i>r</i> part
Modelo de Si	.13	.09	.11	.15	.11
Modelo do Outro	.15	.12	.10	.20	.10
Narcisismo	.10	.17	.04	.58	.04
Int_Continuar	1.59	.42	.52	.00	.28
Vinculo	.37	.39	.11	.35	.07
Longo_Prazo	-.36	.30	-.14	.22	-.09

Nota: $R^2 = 28.4\%$.

Capítulo 6 – Discussão dos resultados

A presente investigação teve como propósito contribuir para uma melhor compreensão acerca de alguns condicionantes das relações amorosas. Fundamentalmente, foi analisada a relação entre vinculação, narcisismo e algumas componentes relacionais (nomeadamente o compromisso e a satisfação na relação).

A hipótese 1, na qual é referido que níveis elevados de narcisismo se encontram correlacionados com níveis baixos de compromisso, não foi confirmada. Os valores de narcisismo não se apresentam relacionados significativamente com as restantes variáveis. Apesar de Campbell e Foster (2002) concluírem uma relação negativa entre o compromisso e o narcisismo, a mesma não se verificou na presente investigação. Este facto pode ser justificado pela inexistência de valores patológicos de narcisismo na amostra aqui apresentada.

Relativamente à hipótese 2, níveis de narcisismo elevados correlacionam-se positivamente com relacionamentos de curta duração, não foi confirmada, segundo os resultados. Sujeitos com níveis elevados de narcisismo revelam uma maior percepção de alternativas e como resultado um menor compromisso, assim, será de esperar que se mantenham durante períodos mais curtos de tempo com o mesmo parceiro (Campbell & Foster, 2002; Sedikides, Gregg, Rudich, Kumashiro & Rusbult, 2004). À semelhança da hipótese 1 é possível que a amostra não revele níveis de narcisismo patológico.

O motivo pelo qual o narcisismo não se correlaciona com as restantes variáveis, nas hipóteses 1 e 2, poderá dever-se ao facto da amostra desta investigação ser maioritariamente feminina uma vez que, segundo os estudos de Foster, Campbell e Twenge, (2003), o narcisismo tem uma maior incidência no sexo masculino.

A hipótese 3, na qual indivíduos cujo estilo de vinculação amorosa preocupado ou receoso (modelo de si negativo - maiores níveis de dependência) relacionam-se positivamente com elevados níveis de compromisso e satisfação relacional, é confirmada a partir dos dados obtidos.

No caso do estilo preocupado, é evidente uma elevada necessidade de aceitação por parte do outro, no entanto existe uma necessidade de se proteger contra potenciais perdas e sente, em simultâneo, algum receio de aproximação (Bartholomew & Horowitz, 1991). Ainda, indivíduos de estilo preocupado tendem a evitar demonstrações de emoções negativas para prevenir uma possível ruptura da relação (Feeney, 1999). Neste sentido, a necessidade de agradar o parceiro relaciona-se com a demonstração de elevados níveis de compromisso, pois é possível que evitem tudo o que possa levar a um rompimento relacional mantendo-se, desta forma, em relacionamentos a longo prazo.

Os sujeitos de estilo receoso revelam uma maior propensão para o comportamento dependente, no entanto a sua resposta ao nível do envolvimento pode diferir em elevado grau do estilo preocupado. Existe uma dicotomia de sentimentos pois, apesar de estar presente uma elevada dependência, existe em oposição um elevado receio de perda (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Como nos é dito por Rusbult, Martz e Agnew (1998), níveis mais elevados de dependência correlacionam-se com níveis mais elevados de compromisso, algo que vai de encontro aos resultados aqui obtidos.

Stanley, Rhoades, Whitton, (2010) dizem-nos que é frequente que, quando os níveis de compromisso são elevados, também os níveis de satisfação se elevam, o que se verifica neste caso. Apesar de Feeney (1999) referir que padrões de vinculação seguros traduzem uma satisfação relacional mais elevada, na presente amostra, indivíduos com outros padrões de vinculação (nomeadamente preocupado e receoso) e um modelo de si negativo - uma elevada dependência -, revelam níveis de satisfação no relacionamento semelhantes aos de indivíduos cujo padrão de vinculação é seguro.

Temos de ter em conta, no entanto, que maiores níveis de compromisso podem não traduzir, automaticamente, um maior nível de satisfação relacional. Como nos é transmitido por Johnson (1973), vários são os tipos de compromisso: pessoal, moral e estrutural, sendo o último mais relacionado com condicionantes que mantêm o relacionamento. Os motivos que podem manter um casal unido e o género de compromisso existente podem, em alguns dos casos, estar relacionados com factores de origem condicionada que levem ambos os parceiros a continuar juntos (como é o exemplo da pressão social, haver bens em comum, ou filhos) (Rhoades, Stanley, Kelmer & Markman, 2010).

No que concerne à hipótese 4, sujeitos cujos estilos de vinculação amorosa são seguro ou preocupado (modelo positivo do outro – menor evitamento) relacionam-se com uma longa periodicidade relacional, confirma-se. Sujeitos que se enquadram na categoria seguro e preocupado (modelo positivo do outro – baixo evitamento) apresentam relacionamentos de maior duração. Este facto vai de encontro ao que nos é referido por Bartholomew e Horowitz (1991), pois estes indivíduos têm uma ideia do outro como sendo de confiança e receptivos. Os que pertencem à categoria de estilo preocupado, como já foi referido anteriormente, exibem comportamentos por forma a agradar o parceiro e a evitar que este abandone a relação podendo, ainda, de alguma forma controlar o desenvolvimento da relação a através do controlo do outro (Bartholomew & Horowitz, 1991). Desta forma, tendo expectativas positivas relativamente ao

outro, ambos os estilos exibem uma maior facilidade para se relacionarem com o parceiro e realizarem comportamentos de manutenção da relação, isto é, exibindo padrões comportamentais que beneficiem o par e não apenas a si próprio (Stanley, Rhoades, Whitton, 2010).

Conclusão

O principal foco desta dissertação de mestrado foi instigar a relação entre os estilos de vinculação e o narcisismo com o compromisso e satisfação relacional em adultos.

Alguns dos objectivos foram alcançados pois existe, de facto, uma relação entre os estilos de vinculação adulta (modelos internos de si e do outro) com os níveis de compromisso e satisfação. No entanto, não foi possível estabelecer a veracidade das hipóteses relativas ao narcisismo, uma vez que a mesma não revelou qualquer relação significativa com as outras variáveis. Deste modo, julgamos possível que a presente amostra não revele valores patológicos de narcisismo, factor necessário para que se pudessem verificar valores significativamente elevados para serem correlacionados com as restantes variáveis.

No presente estudo podemos concluir que:

- O modelo de si e do outro revela deter uma elevada importância para explicar a afectividade e padrões comportamentais na relação amorosa.
- Os diferentes estilos de vinculação vão influenciar de forma particular a vivência relacional, nomeadamente o modo como se comprometem a longo prazo a um parceiro e a atribuição de satisfação existente no relacionamento.

O presente estudo foi inovador uma vez que, na temática dos relacionamentos amorosos, ainda há um vasto campo a ser explorado. O modelo de Bartholomew e Horowitz, apesar de construído a partir dos contributos existentes, vem desvendar e potenciar um campo de conhecimento no que diz respeito à dicotomia dos estilos de vinculação pela percepção que o sujeito tem de si e do outro (dependência e evitamento), tema que tem sido pouco abordado.

As principais limitações que condicionaram o desenvolvimento deste estudo relacionam-se com o facto de os relacionamentos amorosos serem alvo de interesse relativamente recente e haver ainda muito a explorar neste campo. Outra das limitações relaciona-se com a quantidade da amostra, mais especificamente o facto de os vários estilos de vinculação não se encontrarem homogeneamente distribuídos, e existir uma amostra predominantemente feminina. Seria então conveniente que, em investigações futuras, se trabalhasse com amostras de maior número e mais homogéneas.

No entanto, pensamos que o campo das relações amorosas encontra-se em aberto para futuras explorações. No campo do narcisismo, partindo da revisão bibliográfica apresentada nesta investigação, parece existir uma forte ligação entre o mesmo e as variáveis aqui referidas (vinculação adulta, compromisso e satisfação relacional). Neste âmbito, parece-nos de alguma importância tentar aprofundar mais esta ligação e, para isso, talvez seja pertinente trabalhar com populações que apresentem, de facto, níveis patológicos de narcisismo.

No que diz respeito aos modelos de vinculação adulta, concretamente aos modelos de si (dependência) e do outro (evitamento), este estudo demonstra o quanto estes podem influenciar e fazer variar as vivências afectivas. Deste modo, parece-nos de elevado interesse que sejam elaborados mais estudos utilizando estes modelos, sempre levando em atenção que não existe um padrão relacional certo ou errado, uma vez que cada indivíduo singular possui características únicas e se encontra em constante mudança, tendo uma existência fluída e dinâmica.

Bibliografia

- Andrade, A., L., Garcia, A., & Cano, D., S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11 (3), pp.143-156.
- American Psychiatric Association (2014). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (5ª edição). Climepsi Editores: Lisboa.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment Styles Among Young Adults: A Test of a Four-Category Model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61 (2), pp. 226-244.
- Bennett, S. (2006). Attachment theory and research applied to the conceptualization and treatment of pathological narcissism. *Clinical Social Work Journal*, 34 (1), pp 45-60.
- Bowlby, J. (1990). *Volume I: Triologia Apego e Perda: Apego*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Bushman, B. J., Bonacci, A. M., Dijk, M., & Baumeister R. F. (2003). Narcissism, Sexual Refusal, and Aggression: Testing a Narcissistic Reactance Model of Sexual Coercion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84 (5), pp. 1027–1040.
- Campbell W. K., & Foster, C., A. (2002). Narcissism and Commitment in Romantic Relationships: An Investment Model Analysis. *Society for Personality and Social Psychology*, 28 (4), pp. 484-495.
- Comer, R., J. (2013). *Abnormal Psychology* (8ª edição). Worth Publishers: Nova Iorque.
- Emmons, R. (1987). Narcissism: Theory and Measurement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (1), pp. 11-17.
- Feeney, J. (1999). Adult attachment, emotional control and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 6, pp. 169-185.
- Fletcher, G., J., O., Simpson, J., A., Thomas, G., & Giles, L. (1999). Ideals in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76 (1), pp. 72-89.
- Foster, J., Campbell W., & Twenge, J. (2003). Individual differences in narcissism: Inflated self-views across the lifespan and around the world. *Journal of Research in Personality* 37, pp. 469–486.
- Guedeney, N. & Guedeney, A. (2004). *Vinculação: conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores.

Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Conceptualizing romantic love as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, pp. 511-524.

Hazan, C., & Shaver, P., R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5 (1), pp. 1-22.

Hendrick, S. S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 50, pp. 93-98.

Hendrick, S., S., Hendrick, C., & Adler, N., L. (1988). Romantic Relationships: Love, Satisfaction, and Staying Together. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54 (6), pp. 980-988.

Hinde, R., A. (1995). A suggested structure for a science of relationships. *Personal Relationships*, 2, pp. 1-15.

Kealy, D., & Ogrodniczuk, J. (2014). Pathological Narcissism and the obstruction of love. *Psychodynamic Psychiatry*, 42(1), 101-120.

Keller, P., Blincoe, S., Gilbert, L., R., Dewall, C., N., Haak, E., A., & Widiger, T. (2014). Narcissism in romantic relationships a dyadic perspective. *Journal of Social and Clinical Psychology*, Vol. 33 (1), pp. 25-50.

Kernberg, O. (1995). *Love relations: normality and pathology*. Yale University Press: New Haven & London.

Matos, A. (1983). Textos sobre Narcisismo, Depressão e Masoquismo. *Análise Psicológica*, 4 (3), pp. 409-424.

Melo, O., & Mota, C. (2014). Protótipos de vinculação amorosa: Bem-estar psicológico e psicopatologia em jovens de famílias intactas e divorciadas. *Análise Psicológica*, 3, 307-322.

Pervin, L., A., & John, O., P. (2004). *Personalidade: Teoria e Pesquisa* (8ª edição). Artmed: São Paulo.

Raskin, R., & Terry, H. (1988). A Principal-Components Analysis of the Narcissistic Personality Inventory and Further Evidence of Its Construct Validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54 (5), pp. 890-902.

Rhoades, G., K., Stanley, S., M., Kelmer, G., & Markman H., J. (2010). Physical Aggression in Unmarried Relationships: The Roles of Commitment and Constraints. *Journal Family Psychology*, 24 (6), pp. 678-687.

Rhoades, G., K., Stanley, S., M., & Markman, H., J. (2010). Should I Stay or Should I Go? Predicting Dating Relationship Stability from Four Aspects of Commitment. *Journal Family Psychology*, 24 (5), pp. 543–550.

Slatcher, R., B., & Pennebaker, J., W. (2006). How Do I Love Thee? Let Me Count the Words - The Social Effects of Expressive Writing. 8 (17). *Association for Psychological Science*.

Rose, P. (2002). The happy and unhappy faces of narcissism. *Personality and Individual Differences*, 33, pp. 379–391.

Rusbult, C., E., Martz, J., M., & Agnew, C., R. (1998). The investment model scale: measuring Commitment level, satisfaction level, Quality of alternatives, and investment size. *Personal relationships*, 5, pp. 357-391.

Rusbult, C., E. (1980). Commitment and Satisfaction in Romantic Associations: a test of the investment Model. *Journal of experimental social psychology* 16, pp. 172-186.

Sakalli-Ugurlu, N. (2003). How do romantic relationship satisfaction, gender stereotypes, and gender relate to the future time orientation in romantic relationships? *The Journal of Psychology*, 137 (3), pp. 294-303.

Sedikides C., Gregg A., Rudich, E., Kumashiro, M., & Rusbult, C., (2004). Are Normal Narcissists Psychologically Healthy? Self-Esteem Matters. *Journal of Personality and Social Psychology*, 87 (3), pp. 400–416.

Soares, I. (2007). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilibrios.

Stanley, S., M., Rhoades, G., K., Whitton, S., W. (2010). Commitment: Functions, Formation, and the Securing of Romantic Attachment. *Journal of family theory and review*, 2 (4), pp. 243–257.

Wink, P. (1991). Two Faces of Narcissism. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 61 (4), pp. 590-597.

Yárnoz-Yaben, S., & Comino, P. (2011). Evaluación del apego adulto: análisis de la convergencia entre diferentes instrumentos. *Acción psicológica*, 8 (2), pp. 67-85.

Apêndice I – Protocolo de Investigação

Caro Participante,

Gostaria de convidá-lo a participar num estudo que estou a desenvolver no âmbito do meu seminário de investigação, do Mestrado de Psicologia de Aconselhamento e Psicoterapias, relativamente a relação entre estilos de vinculação e relações amorosas.

Se decidir participar só tem de preencher os questionários, nos quais toda a informação é anónima e confidencial, não existindo por tanto respostas certas ou erradas. Os dados recolhidos destinam-se apenas para fins estatísticos.

Visto a sua participação ser voluntária poderá desistir a qualquer momento caso assim o entenda, mas pedimos-lhe que responda o mais fiel possível a cada questão.

Agradecemos a sua disponibilidade e colaboração.

Idade: ____Anos		Género: ☐ Masculino ☐ Feminino	
Habilitações Literárias:			
☐ Ensino básico		☐ Ensino secundário	
☐ Licenciatura		☐ Mestrado ☐ Doutoramento	
Estado Civil:			
☐ União de facto		☐ Divorciado	
☐ Solteiro		☐ Viúvo	
☐ Casado			
Número de parceiros sexuais ao longo da vida: ____		Número de parceiros sexuais actuais: ____	
Encontra-se actualmente envolvido numa relação amorosa?		Se respondeu “sim”, à quanto tempo? ____ Meses	
☐ Sim ☐ Não		Número de relacionamentos monógamos que teve até hoje: ____	

Bartholomew e Horowitz (1991) - Tradução: I. Almeida & M. Faria, 2004.

1. Em seguida estão descritos quatro estilos gerais de relacionamento referidos muitas vezes pelas pessoas. Por favor leia cada descrição seleccione a letra correspondente ao estilo que melhor o(a) descreve ou que está mais próximo do modo como geralmente é nas suas relações próximas.
 - A. É fácil tornar-me emocionalmente próximo(a) de outros. Estou confortável dependendo deles e tendo-os dependendo de mim. Não me preocupo sobre estar sozinho(a) ou com o facto de os outros não me aceitarem.
 - B. Fico desconfortável ao aproximar-me de outros. Quero relações emocionalmente próximas, mas é-me difícil confiar completamente nos outros ou depender deles. Preocupo-me se vou sofrer se me permitir tornar muito próximo(a) de outros.
 - C. Quero ser completamente íntimo(a) dos outros em termos emocionais, mas muitas vezes acho que os outros estão relutantes em ficar tão próximos quanto eu gostaria. Estou desconfortável não tendo relacionamentos próximos, mas por vezes preocupo-me que os outros não me estimem tanto como eu os estimo a eles.
 - D. Estou confortável sem relações emocionais próximas. É muito importante sentir-me independente e auto-suficiente e prefiro não depender dos outros ou ter outros dependendo de mim.
2. Por favor avalie cada um dos seguintes estilos de relacionamento em conformidade com o grau que pensa corresponder ao seu estilo geral de relacionamento.

	Nada parecido comigo Moderadamente parecido comigo Muito parecido comigo						
Estilo A	1	2	3	4	5	6	7
Estilo B	1	2	3	4	5	6	7
Estilo C	1	2	3	4	5	6	7
Estilo D	1	2	3	4	5	6	7

- A. É fácil tornar-me emocionalmente próximo(a) de outros. Estou confortável dependendo deles e tendo-os dependendo de mim. Não me preocupo sobre estar sozinho(a) ou com o facto de os outros não me aceitarem.

- B.** Fico desconfortável ao aproximar-me de outros. Quero relações emocionalmente próximas, mas é-me difícil confiar completamente nos outros ou depender deles. Preocupo-me se vou sofrer se me permitir tornar muito próximo(a) de outros.
- C.** Quero ser completamente íntimo(a) dos outros em termos emocionais, mas muitas vezes acho que os outros estão relutantes em ficar tão próximos quanto eu gostaria. Estou desconfortável não tendo relacionamentos próximos, mas por vezes preocupo-me que os outros não me estimem tanto como eu os estimo a eles.
- D.** Estou confortável sem relações emocionais próximas. É muito importante sentir-me independente e auto-suficiente e prefiro não depender dos outros ou ter outros dependendo de mim.

Raskin e Terry (1988).

Leia atentamente os seguintes pares de frases e indique, de cada um, o que se identifica mais consigo.

1.	A. Tenho um talento natural para influenciar pessoas.	
	B. Não sou muito bom a influenciar pessoas.	
2.	A. Não sou uma pessoa modesta.	
	B. Sou essencialmente uma pessoa modesta.	
3.	A. Como desafio, aceitaria fazer quase tudo.	
	B. Sou uma pessoa bastante cautelosa.	
4.	A. Quando alguém me elogia, por vezes, fico envergonhado.	
	B. Sei que sou bom, pois toda a gente mo diz.	
5.	A. A ideia de dominar o mundo assusta-me bastante.	
	B. Se governasse o mundo, este seria um sítio melhor.	
6.	A. Consigo escapar facilmente às consequências dos meus atos.	
	B. Aceito as consequências que advêm dos meus comportamentos.	
7.	A. Prefiro passar despercebido.	
	B. Gosto de ser o centro das atenções.	
8.	A. Vou ser muito bem-sucedido.	
	B. Não me preocupo muito em ter sucesso	

9.	A. Não sou melhor nem pior que qualquer outra pessoa.	
	B. Acho que sou uma pessoa especial.	
10.	A. Não tenho a certeza que daria um bom líder.	
	B. Vejo-me como um bom líder.	
11.	A. Sou uma pessoa assertiva.	
	B. Desejava ser uma pessoa mais assertiva.	
12.	A. Gosto de ter autoridade sob outras pessoas.	
	B. Não me importo de seguir ordens.	
13.	A. Acho que é fácil manipular outras pessoas.	
	B. Não gosto de sentir que estou a manipular os outros.	
14.	A. Insisto que me respeitem como acho que mereço	
	B. Normalmente sou respeitado quanto mereço.	
15.	A. Não gosto, particularmente, de mostrar o corpo.	
	B. Gosto de exhibir o meu corpo.	
16.	A. Consigo perceber muito bem outras pessoas.	
	B. Por vezes não percebo as pessoas.	
17.	A. Se me sentir competente estou disposto a assumir a responsabilidade de tomar decisões.	
	B. Gosto da responsabilidade de tomar decisões.	
18.	A. O meu desejo é ser minimamente feliz.	
	B. Quero concretizar algo realmente grandioso.	
19.	A. O meu corpo não é nada de especial.	
	B. Gosto de olhar para o meu corpo.	
20.	A. Tento não ser exibicionista ou convencido.	
	B. Se tiver oportunidade gosto de exhibir-me.	
21.	A. Sei sempre o que estou a fazer.	
	B. Por vezes estou inseguro em relação ao que faço.	
22.	A. Por vezes dependo das pessoas para fazer algumas coisas.	
	B. Raramente preciso de outras pessoas para fazer algo.	
23.	A. Por vezes conto boas histórias.	
	B. Toda as pessoas adoram ouvir as minhas histórias.	

24.	A. Tenho sempre grandes expectativas em relação aos outros.	
	B. Gosto de ser prestável para as pessoas.	
25.	A. Nunca fico satisfeito enquanto não obtiver tudo o que mereço.	
	B. Fico satisfeito/a com as recompensas que vou tendo.	
26.	A. Os elogios deixam-me envergonhado/a.	
	B. Gosto que me elogiem.	
27.	A. Gosto de ter poder.	
	B. Ter poder não é algo que me interesse.	
28.	A. A moda e novas tendências não têm qualquer interesse para mim.	
	B. Gosto acompanhar as novas modas.	
29.	A. Gosto de me olhar ao espelho.	
	B. Não gosto, particularmente, de me olhar ao espelho	
30.	A. Gosto mesmo de ser o centro das atenções.	
	B. Sinto-me incomodado ao ser o centro das atenções.	
31.	A. Posso viver a minha vida como bem quiser.	
	B. Nem sempre as pessoas podem viver a vida da forma como gostariam.	
32.	A. Ter autoridade não significa nada para mim.	
	B. As pessoas tendem a reconhecer a minha autoridade.	
33.	A. Prefiro ser um líder.	
	B. É-me indiferente ser líder ou não.	
34.	A. Vou ser uma pessoa importante.	
	B. Espero ser bem-sucedido.	
35.	A. Por vezes as pessoas acreditam no que lhes digo.	
	B. Consigo fazer com que qualquer pessoa acredite no que eu quiser.	
36.	A. Nasci para liderar.	
	B. Ter a capacidade de liderança é algo que demora muito tempo desenvolver.	
37.	A. Gostava que, um dia, alguém escrevesse a minha biografia.	
	B. Não gosto que se intrometam na minha vida.	
38.	A. Fico aborrecido/a quando ninguém repara na forma como estou vestido quando vou a algum lado.	
	B. Não me importo de passar despercebido quando saio à rua.	

39.	A. Sou mais competente que outras pessoas.	
	B. Há muita coisa que posso aprender com os outros.	

40.	A. Sou muito semelhante a tantas outras pessoas.	
	B. Sou uma pessoa fora de série.	

Rusbult, Martz e Agnew (1998).

Diga em que medida as seguintes afirmações descrevem os seus sentimentos, no que diz respeito ao seu relacionamento actual. No caso de não estar em nenhum relacionamento, imagine o último em que esteve envolvido/a.

	0	1	2	3	4	5	6	7	8
	Não			Concordo			Concordo		
	Concordo			Moderadamente			Totalmente		
1. Farei de tudo para que o nosso relacionamento dure o resto das nossas vidas.	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente
2. Sinto-me completamente ligada ao meu parceiro e à nossa relação.	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente
3. Falo frequentemente, com o meu parceiro sobre como serão as coisas quando envelhecermos.	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente
4. Sinto-me muito em baixo quando a nossa relação não está bem.	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente
5. Estou completamente comprometida em manter o meu relacionamento.	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente
6. Penso, frequentemente, como será a minha vida com o meu parceiro num futuro distante.	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente

7. Ao fazer planos sobre o futuro penso cuidadosamente no impacto que estes terão no nosso relacionamento.	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente
8. Penso muitas vezes no futuro da minha relação com o meu parceiro.	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente
9. Sinto-me muito mal quando as coisas não estão a correr bem ao meu parceiro.	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente
10. Quero que a nossa relação dure para sempre.	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente
11. Não há qualquer hipótese de eu me envolver romanticamente com outra pessoa.	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente
12. Estou focada no futuro da minha relação a longo prazo (por exemplo, imaginar-me com o meu parceiro daqui a muito tempo).	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente
13. O meu parceiro é a pessoa mais importante da minha vida (mais que família e amigos).	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente
14. Pretendo fazer o que for humanamente possível para manter a nossa relação relacionamento com o meu parceiro.	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente
15. Se o meu relacionamento acabasse, sentiria a minha vida destruída.	0 Não Concordo	1	2	3	4 Concordo Moderadamente	5	6	7	8 Concordo Totalmente

Hendricks (1988) - Tradução: Feijão e Mesquita (2000).

Por favor, indique assinalando com um círculo o número que, para cada pergunta, melhor expressa a sua resposta relativamente à sua relação amorosa.

1. Até que ponto corresponde o/a seu/sua parceiro/a às suas necessidades?				
1 Muito mal	2 Mal	3 Medianamente	4 Bem	5 Muito bem
2. De um modo geral, até que ponto está satisfeito/a com a sua relação?				
1 Muito Insatisfeito	2 Insatisfeito	3 Medianamente satisfeito	4 Satisfeito	5 Muito satisfeito
3. Até que ponto é que a sua relação é boa, em comparação com a maioria das relações?				
1 Muito má	2 Má	3 Mediana	4 Boa	5 Muito boa
4. Com que frequência deseja não se ter envolvido nesta relação?				
1 Nunca	2 Raramente	3 Às vezes	4 Quase sempre	5 Sempre
5. Até que ponto a sua relação tem correspondido às suas expectativas iniciais?				
1 Nada	2 Pouco	3 Medianamente	4 Muito	5 Completamente
6. Com que intensidade ama o/a seu/sua parceiro/a?				
1 Muito pouco	2 Pouco	3 Medianamente	4 Muito	5 Muitíssimo
7. Quantos problemas existem na sua relação?				
1 Muito poucos	2 Poucos	3 Alguns	4 Muitos	5 Imensos